

FANFICTION COMO PRÁTICA DE ESCRITA CRIATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA AULA DE PRODUÇÃO TEXTUAL¹

FANFICTION AS A CREATIVE WRITING PRACTICE: A CLASSROOM EXPERIENCE REPORT IN TEXTUAL PRODUCTION

Kathleen Simões Ferreira² e Graziela Frainer Knoll³

RESUMO

Este artigo objetiva examinar a escrita de *fanfics* como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da produção textual em sala de aula. Com base na perspectiva dos letramentos, compreendidos como práticas sociais de leitura e escrita em contextos específicos (Kleiman, 1995; 2007), discute-se o potencial das *fanfictions* no ambiente escolar como forma de aproximar o ensino da realidade digital dos estudantes. A partir do conceito de cultura participativa e convergência midiática proposto por Jenkins (2008), entende-se que a produção colaborativa de *fanfics* estimula a criatividade, a argumentação e o domínio de diferentes estruturas textuais. O estudo apresenta um relato de experiência a partir de uma prática feita com setenta e três alunos do componente de Produção Textual no sétimo ano do Ensino Fundamental, evidenciando os impactos dessa prática no engajamento e na aprendizagem. Os resultados indicam que o uso de gêneros digitais como as *fanfics* favorece um ensino mais significativo, alinhado aos contextos de ação e interesses dos estudantes. Como conclusões, infere-se que a escrita de *fanfics* constitui uma prática de letramento culturalmente alinhada com o estudante e, do ponto de vista do professor, essa prática agrega valor ao ensino de linguagens e à própria forma de trabalhar a produção de textos.

Palavras-chave: leitura e escrita; *fanfic*; letramento.

ABSTRACT

This article examines fanfiction writing as a pedagogical tool for enhancing textual production in the classroom. Grounded in the perspective of literacies, understood as social practices of reading and writing within specific contexts (Kleiman, 1995; 2007), the study explores the potential of fanfiction in educational settings as a means to bridge language instruction with students' digital realities. Drawing on Jenkins' (2008) concepts of participatory culture and media convergence, the research argues that the collaborative nature of fanfiction writing fosters creativity, argumentation, and mastery of diverse textual structures. The study presents a practice report involving seventy-three seventh-grade students in a Textual Production course, highlighting the impact of this approach on student engagement and learning. The findings suggest that incorporating digital genres such as fanfiction contributes to more meaningful language teaching,

1 Artigo de pesquisa produzido a partir de relato de experiência docente.

2 Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Professora de Português-Inglês no Município de Itaara, RS. E-mail: sferreira.kathleen@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8091-2978>

3 Professora Adjunta na Universidade Franciscana (UFN), no curso de Publicidade e Propaganda e no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL); Doutora em Letras - Estudos Linguísticos (Universidade Federal de Santa Maria - UFSM); Mestre em Letras - Estudos Linguísticos (UFSM); Especialista em Tecnologias da Informação e da Comunicação Aplicadas à Educação (UFSM); Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda (UFSM); Licenciada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas (UFSM), com Pós-Doc no UniRitter. E-mail: graziela.knoll@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6014-2188>

aligned with students' contexts of action and personal interests. As conclusions, writing fanfics constitutes a literacy practice culturally aligned with the student and, from the teacher's point of view, this practice adds value to the teaching of languages and to the way of working on text production.

Keywords: *reading and writing; fanfic; literacy.*

1 INTRODUÇÃO

Gêneros textuais são, conforme Marcuschi (2002, p. 19), fenômenos sociais e históricos ligados às práticas sociais e que fazem parte da cultura, são “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”, pois se adaptam à evolução da vida social e das tecnologias, adaptando e organizando a comunicação humana por meio de textos. Isso é percebido quando se compara a quantidade de gêneros textuais existentes na atualidade, em relação a eras anteriores, quando não existiam meios digitais de comunicação. De fato, os meios digitais deram origem a uma ampla variedade de gêneros, os quais se hibridizam e transformam juntamente com as novas funcionalidades e características dos meios, conforme o ser humano explora novas maneiras de interagir e se comunicar.

As *fanfics* são gêneros textuais digitais fundamentais para aproximar o ensino da Língua Portuguesa da realidade dos estudantes, que cada vez mais produzem e consomem textos em ambientes digitais. Segundo Jenkins (2008), a *fanfiction* é um produto da cultura participativa própria da Web 2.0, época em que se difundiram as plataformas de produção de conteúdo, como blogs, fóruns, wikis e Youtube, e da cultura de convergência, ou seja, a cultura é afetada pela convergência de mídias. Dessa forma, as *fanfics* constituem uma forma de produção de conteúdo pelos fãs a partir da representação e expansão de uma narrativa original, isto é, uma prática de reescrita e também de interatividade própria da cibercultura. Segundo o autor, a cultura da convergência consiste na interação (ou integração) entre diferentes mídias e seus reflexos sobre os mercados e os processos culturais, uma maneira de entender como as pessoas consomem e produzem conteúdo na era da *remixagem* e da colaboração.

Nessa perspectiva, a escrita de uma *fanfic* não precisa ser individual, pode ser também colaborativa, agregando características de autoria coletiva, como é próprio das ferramentas digitais. Essa prática costuma instigar a participação de pessoas ao redor do mundo, geralmente, fãs de alguma obra literária, série, filme ou jogo digital (Jenkins, 2008). Por envolver a leitura, a escrita e a reinterpretação de narrativas, as *fanfics* podem ser exploradas na sala de aula, pois favorecem o desenvolvimento da linguagem, da criatividade e da argumentação, permitindo ao aluno experimentar diferentes estilos, vozes narrativas e estruturas textuais. Além disso, os conhecimentos prévios dos alunos podem promover um ambiente de aprendizagem profícuo.

Diante disso, o objetivo deste artigo é examinar a escrita de *fanfics* como prática pedagógica para o desenvolvimento da produção textual em sala de aula, explorando a experiência e a familiaridade de alunos com esse gênero e observando o seu potencial pedagógico. Para tanto, será feito o

relato de experiência da prática a partir do ponto de vista da professora que desenvolveu essa prática pedagógica e a reflexão com base nos resultados alcançados. O trabalho se enquadra na perspectiva de letramentos, a qual é definida por Kleiman (1995, p. 18) como o “conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. O letramento envolve práticas de leitura e escrita que vão além do aprendizado do código, ou seja, vão além da alfabetização, pois envolvem a leitura e a escrita como práticas sociais realizadas em contextos específicos, isto é, com o conjunto de convenções sociais e os propósitos comunicativos subjacentes a essas práticas.

Segundo Kleiman (2007, p. 4), essa perspectiva é diferente da concepção de leitura e escrita como um conjunto de habilidades e competências desenvolvidos de forma progressiva, até o uso proficiente da língua: “Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem.” Assim pensado, o ensino da língua deve ser baseado nas práticas que fazem sentido dentro dos contextos de ação do estudante.

O texto, por sua vez, é entendido como na concepção interacional da língua, em que o texto é o elo de ligação entre os sujeitos que interagem: “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado como o próprio lugar da interação entre os interlocutores, como sujeitos ativos que nele se constroem e são construídos [...]” (Koch, 2006, p. 16-17). A seguir, é feito o enquadramento teórico da *fanfiction* na sala de aula, a partir de trabalhos anteriores sobre o tema, esclarecem-se os procedimentos, prossegue-se com o relato da experiência e com as considerações finais e referências.

2 FANFICTION NA SALA DE AULA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Fanfic, conforme definem Fischer, Grimes e Vicentini (2019, p. 1169) é derivada da palavra em inglês *fanfiction*, que significa ficção criada por fãs, um gênero textual que consiste em “contos escritos por terceiros. Os autores de *fanfictions*, popularmente conhecidos como *ficwriters*, e os leitores, conhecidos como *ficreaders*, dedicam-se a escrevê-las e lê-las por conta da afinidade que possuem com a obra original.” Esse fenômeno é próprio da cibercultura e tem despertado o interesse de pesquisa de muitos teóricos das áreas de comunicação, ensino e linguagens.

Em “Os Invasores do Texto: *fanfiction* e literatura”, Jenkins (2015) analisa o fenômeno das *fanfictions* como uma forma legítima de participação cultural e reconfiguração do papel do leitor na contemporaneidade. O autor argumenta que, ao escrever *fanfics*, os fãs não apenas consomem produtos culturais, mas se apropriam deles de forma criativa, passando a atuar como produtores de sentido em um processo que inverte a lógica tradicional da autoria e da propriedade intelectual, ou até mesmo a noção de leitura passiva. Jenkins (2015) explora as *fanfictions* como um espaço profícuo para a resistência e a negociação simbólica, conforme os leitores transformam narrativas canônicas,

questionam hierarquias de poder e representação, e constroem comunidades colaborativas baseadas no compartilhamento de narrativas alternativas.

Trata-se, portanto, de um exercício de poder sobre o texto (e sobre a linguagem) recriar a narrativa sobre determinado personagem, por exemplo, pelo simples motivo de não ter gostado da forma como a narrativa original de um autor se desenvolveu. Esse é, aliás, um dos motivos pelos quais as comunidades de escrita de *fanfics* se proliferam pela Internet: leitores não querem apenas ler histórias prontas, querem tentar reescrever desfechos segundo seu próprio ponto de vista sobre determinado personagem. Jenkins (2015) destaca que esse movimento reflete mudanças mais amplas no campo da cultura participativa, em que a distinção entre produtor e consumidor de conteúdo se torna cada vez mais fluida ou difícil de separar. Sendo assim, para o teórico, a *fanfiction* representa uma prática de letramento crítico e criativo, pois os autores-fãs mobilizam estratégias intertextuais, conhecimentos narratológicos e consciência discursiva ao interagir com obras que amam, mas também problematizam.

Esse conceito liga-se ao de cultura participativa, que, segundo o autor, faz parte da própria cultura da convergência, isto é, tanto produtores, quanto consumidores de textos e produtos da mídia em geral interagem, participam nas redes, dando sua opinião e produzindo conteúdo a partir do que consomem. Isso implica o fim da linha que, antes das redes digitais, separava fãs, espectadores e autores. Na cultura da convergência, todos são participantes e acabam tendo a prerrogativa de participar (Jenkins, 2008).

Ainda, ao fazer uma extensa pesquisa sobre o assunto, Carvalho (2012) pondera que as obras que comumente servem de base para a criação de uma *fanfiction* podem ser livros, filmes, mangás, animes, séries televisivas, histórias em quadrinhos, desenhos animados, jogos para computador ou vídeo games e até mesmo bandas musicais. Além disso, ao referir-se aos agentes escritores desse gênero, os chamados *ficwriters*, Carvalho (2012, p. 11) afirma que eles “são em sua maioria, jovens ou crianças que fazem parte de uma geração que convive desde o nascimento, ou desde pequena, com tecnologias de comunicação e informação que emergiram com o computador e a internet”.

Tratando especificamente sobre as *fanfics*, Jenkins (2015) não apenas legitima esse gênero como uma prática cultural da convergência, também a define como uma potente ferramenta de aprendizagem e de empoderamento social. Nas palavras do autor, escritores de *fanfics* são “invasores do texto”, ou seja, “leitores que se apropriam de textos populares e que os releem de uma forma que serve a interesses distintos [...]” (Jenkins, 2015, p. 42). Assim, tornam-se produtores de sentido que, para além de uma posição passiva de recepção sobre o texto que consomem, são motivados por, ao mesmo tempo, fascínio e insatisfação pela narrativa.

Na escola, ao lidar com textos, os estudantes têm a possibilidade de lidar com diferentes gêneros textuais e, desse modo, vão adquirindo domínio sobre a cultura e a linguagem. Nesse sentido, Marcuschi (2008, p. 90) afirma que, ao ensinar alguém a ler, compreender e produzir textos, se ensina mais do que um uso linguístico: “Ensina-se operações discursivas de produção de sentidos dentro

de uma dada cultura com determinados gêneros como formas de ação linguística”. É nessa mesma perspectiva que a produção textual de fanfics em sala de aula se insere.

As *fanfics* foram analisadas por Souza, Silva e Santos (2020) como recurso pedagógico, por meio de uma análise de depoimentos de autores/leitores da plataforma online *Spirit Fanfiction*. Os autores destacam que as *fanfics* constituem uma metodologia ativa de produção textual e colaborativa que pode despertar a paixão do estudante pela leitura, além do aperfeiçoamento da escrita. Em relação à plataforma online, os autores ressaltam que a experiência é válida com a devida mediação docente: “Embora haja riscos e desvantagens, tais como plágio, assédio moral e exposição a temas inapropriados, estes podem ser extintos com mediação ativa dos educadores que estariam constantemente supervisionando as atividades no site.” (Souza; Silva; Santos, 2020, p. 1427).

Nas atividades escolares de escrita de *fanfics*, os gêneros literários não necessariamente preservam as características da obra original. Barboza (2016) analisa as *fanfics* como uma narrativa intermediária, algo entre o conto curto e a novela, uma forma de estruturar o texto que é definida pelos próprios fãs. Além disso, a pesquisa de Azzari e Custódio (2013) indica que, mesmo quando o estudante não está familiarizado com a *fanfic*, a sua participação ativa pode emergir quando é dada aos jovens a oportunidade de reescrever uma narrativa de forma colaborativa a partir de uma obra canônica, como Shakespeare.

Em relação à produção de *fanfics*, no estudo desenvolvido por Carvalho (2012), a autora entrevistou vários escritores desse gênero textual e relatou, entre outras conclusões, que essa prática contribui muito para a escrita de adolescentes e jovens, funcionando inclusive para a ampliação do léxico:

A prática da escrita das *fanfics* contribui para o aperfeiçoamento da escrita daqueles que a ela se dedicam. Muitos declaram que buscam dicionários para comporem suas histórias, procuram sinônimos para as palavras, a fim de não se tornarem repetitivos nas suas narrações. A continuidade das escritas permite que os escritores se aperfeiçoem cada vez mais [...]. (...) (Carvalho, 2012, p. 84).

Isso posto, as *fanfics* podem ser exploradas em sala de aula de diversas formas, desde práticas de reescrita e continuidade narrativa até a análise de gêneros textuais e construção de personagens. Nas próximas seções, serão apresentados os procedimentos deste estudo e a forma como foi trabalhado o gênero na aula de Produção Textual.

3 PROCEDIMENTOS

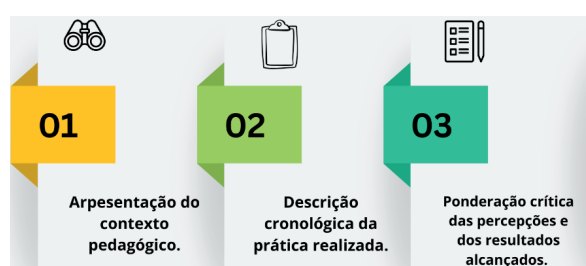
Esta pesquisa de abordagem qualitativa é descritiva, de raciocínio indutivo e com método de relato de experiência. O método de relato de experiência⁴ é muito utilizado nas áreas de Ensino e Educação, visam “além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por

⁴ O método de relato de experiência feito a partir da perspectiva do sujeito professor, o qual, neste caso, é inclusive um dos autores do artigo, não requer o registro em comitê de ética em pesquisa.

meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva [...]” (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 64). Segundo os autores, o relato de experiência é um meio de produção de conhecimento que se apoia na descrição da intervenção a partir de uma vivência acadêmica ou profissional, sendo necessários, em primeiro lugar, o embasamento científico e, posteriormente, a reflexão crítica sobre a intervenção realizada.

Esse método consiste na descrição detalhada de uma vivência ou prática pedagógica, incluindo sua contextualização, a fundamentação teórica utilizada e a reflexão crítica gerada posteriormente à prática. A escolha das disciplinas para a realização da prática pedagógica foi por critério de acesso, já que a prática foi realizada por uma das autoras deste trabalho. A aula de Produção Textual foi ministrada, em uma das turmas, pela primeira autora. Assim, os passos foram estruturados conforme a Figura 1.

Figura 1 - Passos do relato.



Fonte: elaborada pelas autoras no aplicativo Canva.

O contexto pedagógico inclui informações sobre a escola e a turma, além dos objetivos pedagógicos, a descrição cronológica da prática é a experiência relatada na percepção da professora, com detalhes do planejamento pedagógico e das orientações dadas aos estudantes, já a ponderação crítica são as percepções sobre a prática e os resultados alcançados. Além disso, para ilustração das produções textuais obtidas, foram incluídos alguns exemplares das redações, somente para destacar alguns pontos observados pela professora.

4 O RELATO DE EXPERIÊNCIA

A prática pedagógica envolveu setenta e três alunos de três turmas de sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola privada da região centro do Rio Grande do Sul. A prática foi realizada pelas professoras de Língua Portuguesa e de Produção Textual da escola de Ensino Fundamental, Anos Finais, propondo aos estudantes um trabalho de escrita de uma *fanfic*. O gênero ainda não estava previsto no material didático e nas propostas iniciais da disciplina, mas os perfis das turmas envolvidas fizeram com que a ideia surgisse perante as professoras, pois muitos estudantes já haviam relatado conhecer e ler *fanfics* de diversos universos por eles conhecidos, tanto do meio literário quanto do audiovisual (filmes e séries). Também foi importante para o planejamento, dentro dos objetivos

pedagógicos, levar em consideração a importância do incentivo ao desenvolvimento da escrita criativa e das práticas de leitura e escrita em meios digitais (letramento digital) dentro da sala de aula.

Os alunos participantes tinham entre onze e doze anos e estavam cursando o sétimo ano do Ensino Fundamental no turno da manhã, uma faixa-etária em que costumam já estar familiarizados com diversas formas de textos digitais, tendo vista que já cresceram inseridos no contexto da Internet. Além disso, os estudantes já estavam acostumados, desde o sexto ano, a produzir pelo menos um texto por trimestre como forma de avaliação, contemplando sempre um gênero textual diferente e relacionado ao conteúdo do material didático adotado pela escola. A saber, o material em questão é o Sistema de Ensino pH, que está estruturado de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os estudantes partiram da leitura para a escrita, ou seja, antes receberam a tarefa de realizar a leitura obrigatória da obra “Contos Populares do Sul” de Caio Riter, Cléo Busatto e Luana Von Linsingen. Os contos abordados são um conjunto de lendas populares da região sul do Brasil, contemplando histórias advindas do estado do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul em um compilado organizado por Silveira (2015). A escolha da obra a ser trabalhada foi feita pela relação direta com conteúdo na disciplina de Produção Textual do primeiro trimestre do ano, que consiste em três módulos extensos sobre lendas, suas características e sua importância para a cultura e o folclore nacional. Esses aspectos foram bastante trabalhados em sala de aula por meio de textos, imagens, vídeos e exercícios relacionados ao tópico.

Assim, os estudantes tiveram desde o início do ano letivo (fevereiro de 2025) para realizar a leitura, pois o livro estava presente na lista de materiais didáticos do ano escolar. Ainda assim, somente no fim do mês de março, após o anúncio do trabalho avaliativo, que as turmas realmente começaram suas leituras, as quais deveriam ser realizadas em casa ou em sala de aula quando houvesse algum momento livre após as atividades práticas de cada disciplina.

Dando sequência, após a leitura individual, cada aluno deveria selecionar uma lenda que houvesse chamado mais a sua atenção e a partir dela criar uma *fanfic*, modificando, assim, a história original de alguma forma. Para subsidiar a compreensão da estrutura do gênero textual, foram dedicadas algumas aulas para que a professora de Produção Textual explicasse como elas eram criadas e o que se esperava que os alunos realizassem. Afinal, apesar de se tratar de jovens com bastante contato com a internet e seus diversos hipertextos, nem todos conheciam *fanfics* e, além de estarem tendo contato com o gênero pela primeira vez, precisaram ler e pesquisar exemplos para compreender melhor como criar a sua história.

Para que houvesse a melhor organização da proposta, foi disponibilizado aos alunos um material digital na plataforma Moodle explicando o que deveria ser feito no trabalho e os critérios que seriam avaliados. Foram apresentados os seguintes critérios de orientação da escrita às turmas:

- A narrativa ser estruturada como uma *fanfic*;
- O texto ser realmente baseado em um dos contos do livro;
- O título ser criativo e chamar a atenção do leitor;

- A narrativa capturar a essência das personagens principais e descrever da mesma forma que elas falariam;
- O estudante utilizar vocabulário adequado ao gênero e evitar repetição desnecessária de palavras;
- A narrativa ser escrita conforme a norma-padrão da língua portuguesa;
- A narrativa ter no mínimo vinte e no máximo trinta linhas.

Além disso, o prazo de produção do texto ficou estipulado em um mês, na tentativa de garantir um período bastante adequado para que os estudantes seguissem as etapas de: lerem a obra, escolherem seu conto favorito, pesquisarem sobre o gênero *fanfic* e, por fim, escrever suas respectivas histórias. Quando chegou o dia da entrega das narrativas, a professora iniciou a leitura e avaliação dos textos, destacando a criatividade encontrada em diversas histórias que conseguiram capturar a essência do gênero *fanfiction*.

Diversos alunos conseguiram transformar os contos do livro de maneira enriquecedora, alguns de forma mais sutil ao mudar somente o final da história, outros de forma mais singular, adicionando personagens de outras narrativas conhecidas da cultura pop, tais como heróis da Marvel, personagens de séries, cantores coreanos, entre outros temas de interesse dos estudantes. Houve inclusive um *crossover* de lendas, isto é, o diálogo que ocorre quando dois universos diferentes se encontram em uma só narrativa textual.

Em relação à norma-padrão, evidentemente, foram encontrados desvios ortográficos e gramaticais na grande maioria das histórias, desde erros pequenos, como a falta de acentuação em palavras, até erros mais contundentes, que envolvem a grafia incorreta de palavras que poderiam ter sido previamente pesquisadas em um dicionário antes de serem escritas. No entanto, é esperado que, no sétimo ano, os alunos cometam desvios na escrita em relação à norma-padrão. Isso é inclusive necessário para que os estudantes consigam colocar suas habilidades em prática, assim poderão, ao longo do tempo, adequar-se à medida que evoluem em competências e habilidades de uso da língua. Afinal, a evolução na produção escrita dos estudantes é uma sucessão de erros e acertos.

Em três casos específicos, os estudantes não conseguiram cumprir a proposta: em um dos casos, o estudante escreveu uma *fanfic* sobre lendas que não estavam na obra selecionada (“Contos Populares do Sul”), em outros dois porque recontaram histórias do livro sem fazer nenhuma modificação na narrativa, descaracterizando-a do gênero esperado. Porém, considerando que em uma produção total de setenta e três textos de três turmas, apenas três não cumpriram a proposta de forma adequada pode indicar uma falta de compreensão ou interesse pontual daqueles estudantes.

Após a entrega dos textos com as devidas correções gramaticais, a maioria dos estudantes se mostrou satisfeita com suas produções. Muitos relataram achar divertido o processo criativo de planejar e elaborar o texto, pois pelo fato de o gênero *fanfic* ser mais popular entre os jovens e permitir uma narrativa um pouco mais livre do que os demais, a sua produção torna-se menos monótona, dando voz a uma

criatividade mais voltada ao fantástico e surreal. A ideia do trabalho surgiu justamente para que essa voz mais espontânea dos alunos fosse colocada em prática, a fim de que eles pudessem enxergar a Língua Portuguesa e o processo de produção de textos não somente como um conjunto de regras a serem seguidas, mas como um processo de aprendizado por meio de produções que podem ser leves e atrativas.

Nesse sentido, a prática atendeu à expectativa das professoras, pois correspondeu a um fator fundamental em qualquer processo de aprendizagem: a motivação do estudante, que tem um papel relevante nesta proposta, pois a ideia do trabalho ligado à escrita de *fanfics* foi pensada por se acreditar que esse gênero textual faça parte do repertório de interesse do estudante. Assim, quando o aluno encontra seus próprios interesses na atividade pedagógica, esse pode ser um fator motivador para que ele se envolva e evolua no processo.

Como forma de ilustrar os resultados obtidos, foram destacados cinco exemplares neste relato. As quatro primeiras *fanfics* foram elaboradas dentro da proposta do gênero, já a última é um dos exemplos que não seguiu adequadamente o que foi proposto. As *Fanfics* 1 e 2 (Negrinho do Pastoreio e Negrinho da Bala Perdida, Fig. 2) são ambas sobre a lenda do “Negrinho do Pastoreio”, a qual foi a mais escolhida pelos estudantes por se tratar de uma história bastante popular e com origem no Rio Grande do Sul.

Figura 2 - *Fanfics* 1 e 2.

1 Negrinho do Pastoreio
2 Ele era um menino de olhos azuis, cheio de
3 dentes. Mas parecia de um diferente daquele tempo eram
4 rubicundos, tinham o cabelo ia de cabelo branco desleixado
5 ou mesmo, de uma de terra no cabelo de madeira no
6 cabelo.
7 O garoto se divertia com os poderes que ele tinha
8 que ninguém sabia que existia e muitas vezes ele usava
9 para fugir de seu pai.
10 - Vai trabalhar, meu filho!
11 dizia o velho mais e na mesma instante o garoto
12 se ficava invisível e sumia deixando seu "Ninho"
13 no lugar mais longe em seguida quando ele o velho deu
14 uma punção nele.
15 Em um terceiro-feira comum, ou não... seu pai
16 mandou passar com a máquina e ele foi ele todo
17 de noite, mas a ele não esperava que os unicórnios
18 iam se voltar e fugir para a montanha, e mesmo
19 entrarem em desespero e começaram a correr atrás deles
20 mas não deu muito certo, ele não pegou nenhum.
21 Cheio de medo voltou e contou para seu pai
22 o ocorrido, o mestre tremou de medo e tomou a decisão
23 de não o poder mais naquele lugar.
24 Então, ele contou para o pai, foi para o homem o
25 primeiro e começou a correr para o lado, o garoto de
26 então pediu para não ir mais perto então na meia da
27 noite, teve um sonho.
28 Quando seus poderes, ele mudou o clima e jogou para
29 na mão do homem, então, ele conseguiu se voltar
30 para seu pai e contou para o pai e não contou para o pai
e não mais voltou.

1 O Negrinho da Bala Perdida
2
3 No interior do Rio Grande do Sul, havia um campinho
4 onde moravam meninas. Costumavam jogar até o amanhecer.
5 Falavam que o campo era abençoado, pois sempre
6 que alguma menina jogava a bola para longe e sumia,
7 aparecia novamente limpa e recém comprada.
8 Um velho senhor que sempre ficava alheio a elas
9 jogavam, falava baixinho:
10 - É o Negrinho do Pastoreio quem cuida e devolve
11 nossa bola.
12 Num campeonato de uma pequena cidade, com meninas
13 pensava assim, uma das meninas que estavam jogando
14 chutou a bola para longe e a bola desapareceu. Todas
15 procuraram e não acharam. Quando o juiz foi lá
16 encontrar aquela partida para não haver mais a bola, um
17 velho brilhante passou pelo campo, e a bola estava
18 lá, limpa, e limpa.
19 Com a bola de volta, o jogo recomeçou. No último
20 lance um menino em pequena driblou o time adversário
21 inteiro e marcou o gol da vitória. Quando
22 estavam comemorando, algumas pessoas juraram ver
23 um menino negro montado em um cavalo brilhante
24 de longe.
25

Fonte: reprodução por foto.

A *Fanfic* 3 foi sobre a lenda “As lágrimas de Obirici” e utilizou a professora como personagem, ambientando os acontecimentos no cenário da novela infantil Carrossel, já a *Fanfic* 4 (Fig. 3) teve como personagem o Homem-Aranha, inserindo-o na lenda da Noiva da Lagoa, o que demonstra a liberdade criativa e a intertextualidade com que escreveram os textos.

Figura 3 - Fanfics 3 e 4.

1 As lágrimas de Kathleen
2
3 Na escola mundial de Carrossel havia uma
4 garota chamada Kathleen, ela era muito linda, destemi-
5 da e inteligente, porém nela havia algo que a diferen-
6 cia das outras da turma... O fato dela não ser apa-
7 xionada pelo Daniel, o aluno mais popular e coordena-
8 dor de sua sala.
9 Kathleen era apaixonada em um simples aluno
10 chamado Cirilo. Porém Daniel foi transferido de escola
11 e então foi necessária fazer uma votação para
12 decidir quem seria o novo coordenador da turma, nes-
13 sa votação Cirilo ganhou.
14 Com essa novidade todas as garotas queriam vê-
15 lo e tentar ganhar seu coração, então tomando coragem
16 Kathleen foi se declarar para Cirilo. No entanto uma go-
17 vota chegou antes de Kathleen, uma garota que se cha-
18 mava Maria Joaquina. Nenhuma delas iria desistir de
19 Cirilo. Cirilo então decidiu fazer uma disputa de arco
20 e flecha, da 1ª (primeira) até a 5ª (quinta) tentativa
21 Maria Joaquina acertou todas e Kathleen não acer-
22 to nenhuma, nisso, Maria Joaquina foi para casa toda
23 feliz, pois Cirilo era dela.
24 Por outro lado Kathleen entrou em uma mata e
25 pôs-se a chorar, era tanta dor em seu coração,
26 tanta tristeza, que suas lágrimas viraram deram
27 vida a um riacho gigante.
28
29 FIM
30

1 Homem-Aranha e a Noiva da Lagoa
2 O vento frio de Santa Maria gemia entre as árvores
3 ao redor da Lagoa Garça, um nome que ecoava as antigas
4 histórias da Noiva. Peter Parker, o poroso da cidade, sentiu
5 um arrepio percorrer em suas espinhas, um familiarmente
6 diferente da sua habitual sentida Aranha.
7 A trintezas emanava da água escura, palpável,
8 curiosa, e com seu instinto de herói sempre alerta, Peter
9 sentiu seu traje de Homem-Aranha em um breco discreto.
10 Balanceando entre os ciprestes retorcidos, ele observava
11 a superfície calma da Lagoa. Os moradores locais falavam
12 de uma Mulher vestida de branco, que surgia nas névoas
13 e atraía os incautos para as profundezas. Naquela noite
14 as névoas se adensou, e uma figura pálida emergiu das águas.
15 Não havia malícia em seu olhar triste, apenas
16 uma profunda melancolia. O sentido Aranha de Peter
17 não detestava perigo, mas sim uma das lanchetes.
18 Calidamente, o Homem-Aranha se aproximou, tocando
19 uma plataforma das teias sobre a água. "Quem é você?",
20 perguntou, a voz suave sob as Máscaras. A figura hesitou
21 um momento, face encapada de seus lábios: "Cecília... fui
22 deixada aqui no dia da Meu casamento". Ele sabia que era
23 verdade. "Eu sinto muito" disse Peter. "Há quanto tempo você está
24 aqui? Essas árvores escondem de nós da Noiva". "Há
25 décadas". O Homem-Aranha percebeu que ela não era
26 uma ameaça, mas uma alma atormentada, ele decidiu
27 usar sua inteligência e quebrar a maldição de solidão,
28 usando inteligência e teias para trazer a verdade sobre a
29 Passada de Cecília e finalmente poder trazer a paz
30 na lagoa para Cecília de Noiva.

Fonte: reprodução por foto.

Sobre a *fanfic* que não realizou a produção textual de maneira adequada, nela, o estudante escreveu um texto de forma livre, sem basear-se na narrativa original do livro de lendas. Esse caso não necessariamente foi gerado pela falta de conhecimento do gênero *fanfic*, pode ter como motivação a falta de interesse do aluno em ler o livro indicado para produzir o seu texto a partir dele.

Com base na perspectiva dos letramentos, o sujeito só será capaz de compreender os sentidos de um texto se este estiver alinhado com a língua que domina e com a cultura à qual pertence. Quando o texto se distancia dessas referências, seja por meio de uma linguagem que não domina, seja por carregar práticas discursivas que lhe são estranhas, há um comprometimento na capacidade de interação significativa com o conteúdo. Possivelmente, foi isso que ocorreu com o estudante que não se enquadrou na perspectiva da atividade. Já os demais estudantes, que compreenderam as particularidades que caracterizam a *fanfiction* e viram sentido nesse modo de expressão verbal, conseguiram estabelecer relações de sentido coerentes com o gênero e com as lendas utilizadas como base.

Assim, a leitura deixa de ser um processo apenas técnico e passa a envolver práticas sociais, culturais e cognitivas, o que exige do leitor não apenas decodificação, mas também familiaridade com os contextos de produção e circulação daquele discurso. Nessa mesma direção, o ensino de língua e de produção textual precisa ir além da gramática e assumir um compromisso com os letramentos múltiplos, valorizando a diversidade linguística e cultural dos estudantes. Isso implica não apenas ensinar o funcionamento formal da língua, mas também promover o contato com diferentes gêneros textuais, práticas discursivas e modos de significação.

Finalizando o relato de experiência, pode-se afirmar que as *fanfics* permitem trabalhar a leitura, a perspectiva crítica, a intertextualidade, a criatividade e os letramentos simultaneamente, além de estimular a autoria e o protagonismo dos estudantes. Por estabelecerem relações intertextuais com o universo cultural juvenil, mesmo com aqueles estudantes não familiarizados ao gênero, as *fanfics* favorecem o engajamento nas atividades de escrita e ampliam as possibilidades de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa e oportunizam novas formas de abordar a prática de produção textual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões deste trabalho, que envolveu o relato de experiência a partir de uma prática pedagógica no ensino de Produção Textual para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, revelam que a escrita de *fanfics* por estudantes constitui uma estratégia oportuna para o desenvolvimento das competências leitora e escritora, ao articular a produção textual com o universo cultural de interesse dos adolescentes. Ao propor a reescrita criativa de narrativas conhecidas, essa atividade mobiliza o repertório prévio dos alunos, estimulando o letramento literário e, dessa forma, amplia sua capacidade de interpretação e autoria, mesmo diante de tantos elementos distratores e das dificuldades de escrita de alguns alunos. Como gênero textual digital, a narrativa do tipo *fanfic* promove a reflexão sobre outros gêneros, enredos, construção de personagens e uso da linguagem, favorecendo um aprendizado mais significativo da língua.

Ademais, a atividade realizada contribui para a construção de uma postura crítica e autoral dos estudantes diante dos textos, pois fazem com que eles se posicionem, reinventem histórias e explorem diferentes perspectivas narrativas ao recontar sua história. Essa prática de letramento valoriza a criatividade, o protagonismo juvenil e o uso de múltiplas linguagens, dialogando também com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente no que se refere às competências da educação básica e aos campos de atuação social da linguagem. Já como fator limitador, pode-se constatar a dificuldade de alguns estudantes na prática da escrita criativa, isto é, quando a atividade demanda que o aluno adapte, recrie, conte sua própria versão de uma história envolvendo personagens, sem estar completamente preso a uma versão original.

Por fim, conclui-se que a inserção das *fanfics* no ensino de Língua Portuguesa e de Produção Textual não apenas dinamiza o processo de ensino-aprendizagem, como também favorece a participação e a escrita colaborativa dos alunos por meio de práticas contextualizadas e culturalmente relevantes, principalmente do ponto de vista do estudante. Também do ponto de vista do professor, a experiência agregou valor às linguagens trabalhadas e à própria forma de trabalhar a produção de textos em um cenário em que os estudantes nem sempre demonstram ser leitores hábeis ou interessados nas atividades de escrita propostas.

REFERÊNCIAS

- AZZARI, Eliane Fernandes; CUSTÓDIO, Melina Aparecida. *Fanfics*, Google Docs. A produção textual colaborativa. In: ROJO, Roxane (org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 73-92.
- BARBOZA, Catarina Maite M. M. **Invadindo as masmorras - apropriações criativas, autoinserção (fan) ficcional e a emergência de uma intersubjetividade discursiva: uma etnografia do grupo snapetes à luz do pensamento bakhtiniano**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2016.
- CARVALHO, Larissa Camacho. **Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade: Jovens & Fanfictions**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FISCHER, Adriana; GRIMES, Camila; VICENTINI, Mariana Aparecida. A escrita gamificada de *fanfictions* com o apoio de tecnologias digitais em um Clube de Inglês. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n.58, v. 3, p. 1164-1196, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/hTGPhfgZPG8KQ7w3ztq6CHJ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 maio 2025.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- JENKINS, Henry. **Invasores do Texto: fãs e cultura participativa**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015.
- KLEIMAN, Ângela B. (org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, Mercado das Letras, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise, gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./2021. Disponível em: http://educ.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 maio 2025.

SILVEIRA, Elaine Maritza da (Org.). **Contos populares do Sul**. Textos de Caio Riter, Cléo Busatto, Luana von Linsingen. São Paulo: Editora Scipione, 2015.

SOUZA, Andrey Lopes de; SILVA, Maria Clara da; SANTOS, Rayane Beatriz. A *fanfic* e o spirit *fanfic*: Algumas considerações sobre relações sociais, internet e potencialidade de uso das *fanfics* como recurso pedagógico. **Ensino em Re-Vista**, v. 27, n. Especial, p. 1405-1429, 2020. DOI: 10.14393/ER-v27nEa2020-10. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/57441>. Acesso em: 15 jun. 2025.

